

**DAIANY DE FÁTIMA MORETO**



**CORPO E MÍDIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
UM ESTUDO DE CASO**

**Monografia apresentada como  
requisito parcial para conclusão do  
Curso de Licenciatura em Educação  
Física, do Departamento de Educação  
Física, Setor de Ciências Biológicas, da  
Universidade Federal do Paraná.**

**CURITIBA**

**2006**

**DAIANY DE FÁTIMA MORETO**

**CORPO E MÍDIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
UM ESTUDO DE CASO**

**Monografia apresentada como  
requisito parcial para conclusão do  
Curso de Licenciatura em Educação  
Física, do Departamento de Educação  
Física, Setor de Ciências Biológicas, da  
Universidade Federal do Paraná.**

**Professora Orientadora: Dra. MARIA REGINA FERREIRA COSTA**

Dedico com carinho este trabalho...

A Bruna minha filha e minha alegria,  
André, meu esposo, companheiro e amigo.  
Amo Vocês...

Aos meus queridos pais, Jair e Francineis, motivos da minha existência,  
minha irmã Aline, companheira que nunca faltou quando precisei.

Dedico este trabalho também...  
a todos os professores e professoras  
de Educação Física que se preocupam com  
a formação integral do ser humano.

## AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, que dá vida e coragem para cumprir cada etapa que me foi destinada.

Gostaria de agradecer aos professores e professoras do Departamento de Educação Física que contribuíram para o meu crescimento, em especial a amiga Orientadora Dra. Maria Regina Ferreira Costa, pela confiança e auxílio durante a realização desta pesquisa.

Referencio ainda, minha família, destacando minha querida filha Bruna, esposo André, companheiro de todas as horas, aos meus pais, Jair e Francineis, pelo auxílio e incentivo e também, a minha irmã Aline e prima Angélica a ajuda prestada.

Em especial também, as amigas Ana Paula, Kelli, Thalita e principalmente a “asmiga” Silvana, a companhia e amizade no decorrer destes quatro anos.

“Aprendendo com o passado podemos procurar  
ressignificar o presente e perspectivar o futuro”

Marcus Taborda de Oliveira.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	vi
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	4
1.2 OBJETIVO.....	4
1.3 PERGUNTAS NORTEADORAS.....	4
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	6
2.1 DIRETRIZ CURRICULAR DO MUNICÍPIO DE ARAUCÁRIA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA.....	6
2.2 EIXOS NORTEADORES PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO MUNICÍPIO DE ARAUCÁRIA.....	9
2.2.1 Desenvolvimento Corporal e Construção da Saúde.....	9
2.2.2 Expressividade do Corpo.....	9
2.2.3 Relação do Corpo com o Mundo Globalizado.....	10
2.2.4 O Corpo que Brinca e Aprende.....	10
2.3 MÍDIA.....	11
2.4 GÊNERO: CONCEITO RELACIONAL E PLURAL.....	13
2.5 CO-EDUCAÇÃO NA ESCOLA.....	16
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	20
3.1 PAUTA DE OBSERVAÇÃO.....	21
3.2 ANÁLISE DE DOCUMENTOS.....	21
3.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS NO CAMPO.....	22
3.4 DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO.....	22
3.5 ACESSO AO CONTEXTO OBSERVADO.....	23
<b>4. DISCUSSÃO</b> .....	25
4.1 ENCONTROS E DESENCONTROS NA FORMAÇÃO CONTINUADA.....	25
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	34
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	36

## RESUMO

O presente estudo teve como propósito analisar como a professora da 6ª série, da Rede Pública Municipal de Ensino de Araucária participante do Assessoramento e Formação Continuada, tratou a temática Corpo e Mídia nas aulas da Educação Física. Para a realização desse estudo utilizei a metodologia de estudo de caso qualitativo e como instrumento de coleta de informações, realizei observação participante de 20 aulas de Educação Física, conversas informais com a professora e alunos/as. Além disso, participei de 3 Assessoramentos de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação de Araucária, analisei as Diretrizes Municipais de Educação/2004 do Município de Araucária e o Projeto Político Pedagógico da Escola. Ao final do estudo verifiquei que a professora observada não segue a Diretriz pautada na Corporalidade, pois seu referencial está ancorado na transmissão e execução de movimentos. Não observei a mediação da professora quanto aos conflitos de gênero, sexualidade, corpo. A participação da professora nos Assessoramentos não foi suficiente para que houvesse a modificação da sua prática e o entendimento das Diretrizes Curriculares, pois, se os Assessoramentos fossem mais frequentes e se houvesse um acompanhamento da professora ela poderia efetivamente modificar sua prática, buscando elementos da Corporalidade. Nesse sentido, o estudo realizado confirma que as aulas de Educação Física da 6ª série observada, se ateve única e exclusivamente à execução de movimentos. Porém, o que me chamou a atenção foi o modo carinhoso e a relação afetuosa e próxima com que a professora tratou alunos e alunas e a presença de conteúdos como o Xadrez e a Dança Folclórica do Paraná.

Palavras Chave: Gênero, Co-educação e Corporalidade

## 1. INTRODUÇÃO

Muitos estudos têm voltado sua atenção para a importância da mídia no que se refere à manipulação do pensamento dos e das telespectadores/as.

Antes de refletir o que é exposto na mídia é importante destacar que a televisão em seu pouco tempo de criação, aproximadamente cinquenta anos, como diz GONÇALVES (1993) obteve uma grande e rápida aceitação e expansão, no entanto, ao mesmo tempo em que ela enaltece o movimento da Educação Física contribuindo na divulgação e incentivo à prática dos mais variados esportes, ela forja o gosto, dita padrões estereotipados, produz uma necessidade indiscriminada e desinformada de movimentos e corpos padronizados. Levando as pessoas à praticarem as mais variadas formas de movimentos não pelo prazer da atividade física, mas sim pela sublimação, pelo estímulo que tal meio provoca no imaginário dos indivíduos.

A mídia televisiva utiliza o corpo estético para produzir diversos sentidos: prazer, estética, relação entre o belo e o feio, do jovem e do velho, do ideal, do saudável, do doente entre outros. Desta forma Uvinha citada por DICKEL, BORELLI e FAUSTO NETO (2001) afirma que “a vasta maioria das imagens, especialmente aquelas usadas para vender mercadorias por meio de anúncios, são imagens de juventude, saúde e beleza dos corpos”.

Na atualidade observa-se a criança e o jovem como aluno-telespectador, BELLONI (2002) constatou que “nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento a frequência de crianças aos meios de comunicação de massa está em crescimento muito acentuado” e diversas pesquisas citadas por PORTO (2000) revelam que, “o jovem vê tv como fonte de aprendizagem” com preocupação quanto aos aspectos educativos e informativos dos programas. Desta forma os indivíduos consomem e absorvem uma nova linguagem chamada de audiovisual, do qual são grandes modelos as revistas, o rádio, a televisão e o cinema.

A tela da televisão pode ser interpretada como um corpo, uma instância de produção e circulação de sentidos. Segundo Maciel citado por DICKEL, BORELLI e FAUSTO NETO (2001, p.19) “a tv é o único veículo de comunicação de massa que tem o poder de mobilizar ao mesmo tempo os sentidos da audição e da visão”.

Partindo destes pressupostos, todas estas informações audiovisuais poderão ser discutidas e trabalhadas nas aulas de educação física, dentro de uma situação criativa, conforme os objetivos da Educação Física no Ensino Fundamental - (Parâmetros Curriculares Nacionais 1997, p.44): "(...) conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e estética corporal que existem nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidas, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia e evitando o consumismo e preconceito." Portanto, fica evidente a necessidade de que o/a professor/a seja capaz de analisar criticamente as ideologias implícitas na mídia, orientando a criança no sentido do projeto educacional, fazendo com que a educação física, como um componente curricular, vá além da aplicação de métodos e técnicas para o lazer e a recreação ou para o desenvolvimento e aprimoramento do movimento humano, assim como citado por PETROSKI e FENSTERSEIFER (1993), ou seja, este é o encargo que a educação física deve assumir para também qualificar o homem/mulher político/a, criativo/a ativo/a e participante da sociedade.

Verifica-se que em cada época a Educação forma um homem/mulher de acordo com as necessidades, imagens, crenças, valores estabelecidos pela ordem social. Dentro da escola não são transmitidos apenas os conhecimentos formais, transmitem-se também formas de agir e de ser, tornando-se um local em que os sujeitos são moldados. E se os/as professores/as de Educação Física não estiverem atentos/as à sua própria maneira de agir e ao que seus alunos/as vêem e pensam a respeito desta área de conhecimento tão ampla e de questionada relevância para a sociedade, uma imagem deturpada do professor/a de Educação Física continuará existindo.

Levando em consideração a influência no dia-a-dia de crianças e jovens esta pesquisa analisa como uma professora de Educação Física da 6ª série, de uma Escola da Rede Municipal de Ensino de Araucária, faz a mediação dos conhecimentos do corpo e mídia na prática docente.

O que me levou a elaborar esta monografia foi a constatação da desvalorização a qual a Educação Física e os professores e as professoras são tratados nos programas de televisão, os quais baseiam-se apenas em estereótipos de que o/a professor/a não é um ser pensante no tocante as questões sociais, políticas, econômicas e educacionais mais amplas. Há a personificação de um

profissional reprodutor/a de movimentos, que malha para manter um corpo atlético e que está alheio às discussões inerentes a profissão docente. Um dos exemplos dessa visão reducionista da área da Educação Física foi a série Malhação, que por um bom tempo usava a imagem de um professor “burro” (que não demonstrava qualquer envolvimento com as questões da escola, a não ser, sua própria prática) e outro extremamente tecnicista e rude com seus alunos e alunas. Outro exemplo marcante foi o apresentado em plena novela das oito, - em que se sabe, ostenta um alto índice no Ibope - a vida de uma professora que além de apanhar do marido ciumento, acaba se envolvendo com um garoto muito mais novo. Pergunto: Porque justamente a professora de Educação Física e não outra? Havia uma ligação de proximidade entre ela e seus alunos e alunas, comum a muitos/as professores/as no ambiente escolar, no entanto seria esse o motivo?

Esses e muitos outros exemplos que ouvimos ou mesmo comentamos, me fez refletir acerca dessa imagem de profissionais (in)significantes dentro da sociedade. Apesar de que muitas vezes nos depararmos com professores/as alheios à sua verdadeira função: a de educadores/as. Ainda acredito na mudança dessas atitudes e algumas “falsas” impressões, partindo da própria conscientização dos professores e professoras quanto à possibilidade educativa da Educação Física que trabalha com as diferentes práticas corporais.

Desta forma, através desta pesquisa efetuei a análise de como a professora de Educação Física, da 6ª série, mediava frente a constante influência da mídia em suas aulas - considerando que a mídia trabalha e constrói sentidos acerca dos corpos, seja através da publicidade, de programas de entretenimento ou informativos, - bem como saber da aceitação ou não das mensagens expostas na tela da televisão ou nas revistas. A televisão, em particular, pelos índices que ostenta, interfere na formação de opiniões e na maneira das pessoas se expressarem ou se comunicarem.

Busquei entender então, como a professora da 6ª série do Município de Araucária atua no sentido de legitimar a prática da Diretriz Curricular de Educação Física centrada basicamente na corporalidade, mais especificamente nas relações de gênero e co-educação.

Acredita-se que, com a conscientização por parte dos professores/as sobre as informações audiovisuais que são transmitidas e absorvidas diariamente, eles/as

possam tornar seus alunos/as mais reflexivos a estas imagens que a mídia oferece, analisando-as criticamente em suas aulas.

Reitero estas considerações, pois o homem/mulher produz conceitos de mundo a partir das experiências cotidianas e aspectos como: padrões de saúde, beleza e estética corporal etc. que são divulgados. Portanto, estes aspectos devem ser observados pelos/as professores/as com mais atenção, pois estamos tão acostumados com estereótipos que nem nos damos conta do quanto somos influenciados por eles/as.

## 1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Como a professora da 6ª série, da Rede Pública Municipal de Ensino de Araucária participante do Assessoramento e Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação trata a temática corpo e mídia nas aulas de Educação Física a partir do referencial da corporalidade, mais especificamente as perspectivas de gênero e co-educação e como legitima sua prática docente baseada na Diretriz Curricular da Educação Física do Município de Araucária.

## 1.2 OBJETIVO

O presente estudo tem como finalidade observar e analisar a prática de uma Professora de Educação Física da 6ª série da Rede Pública Municipal de Ensino de Araucária que participa do grupo de Assessoramento da SMED e como ela desenvolve sua prática docente a partir das perspectivas de corporalidade, gênero, co-educação dentro da temática corpo e mídia, em uma determinada escola de Araucária.

## 1.3 PERGUNTAS NORTEADORAS

- Qual é o referencial teórico da Educação Física utilizado pela professora
- Quais os eixos abordados para os/as alunos/as da 6ª série
- Como acontece a relação professora/aluno/a
- Como os alunos/as se relacionam

- Quais conteúdos são contemplados na 6ª série
- Qual a forma linguagem utilizada pela professora: neutra, estereotipada,
- Como a professora trata as questões emergentes: gênero e co-educação, também contemplados nos Assessoramentos.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 DIRETRIZ CURRICULAR DO MUNICÍPIO DE ARAUCÁRIA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

O trabalho de elaboração das Diretrizes Curriculares para a área de Educação Física, teve início com a realização do I Seminário Estadual das Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental no mês de maio de 2004 em Curitiba. Onde foram estabelecidas as bases sobre as quais professores assessores pedagógicos do Ensino Superior, equipe técnico-pedagógica de Educação Física do departamento de Ensino Fundamental SEED/DEF e professores da rede Estadual de Ensino, fundamentaram seu trabalho. O texto intitulado “Corporalidade e Cultura Escolar: refletindo sobre a orientação das práticas escolares de Educação Física no Estado do Paraná” (2004) dos professores assessores pedagógicos Marcus Aurélio Taborda de Oliveira e Luciane Paiva Alves de Oliveira, subsidiou a formulação das Diretrizes, bem como o texto “Questões norteadoras do debate sobre a corporalidade” (2004) para o aprofundamento em algumas questões referentes ao tema da corporalidade.

Nesta construção da Diretriz Curricular para o Ensino Fundamental, os professores e professoras são convidados/as não só a pensar sobre a Educação Física e sua prática na escola, mas principalmente sobre como ressignificá-la de maneira a mostrar à sociedade o quanto essa disciplina pode contribuir na formação dos/as indivíduos/as. Desta forma, a Diretriz tem como prerrogativa permitir aos docentes que reflitam sobre sua prática e optem por alternativas adequadas às suas necessidades e anseios cotidianos, isto significa também, uma reflexão sobre a insuficiência do modelo atual de ensino, o qual privilegia demasiadamente o fenômeno esportivo e que, por sua vez contempla parcialmente a enorme riqueza das manifestações corporais culturalmente produzidos.

É dentro deste contexto que surge a noção de corporalidade, que permite ampliar as possibilidades de intervenção educacional do/a professor/a de Educação Física, superando a dimensão meramente motriz da sua aula sem, no entanto, negar o movimento como possibilidade de expressão humana.

A Educação Física através da problematização de seus conteúdos, poderá abordar questões referentes à gênero ( papéis sexuais), raça e etnias, sexualidade, violência; questões que possuem relação direta com a corporalidade, justificando sua prática pedagógica no contexto escolar, através de uma atuação significativa para a formação do educando/a. Entretanto, necessita-se que:

“O professor torne-se um profissional pensador da *cultura*. Deve compreender a singularidade dos sujeitos no contexto da época em que vivemos para, a partir de suas determinações históricas, projetar seu futuro. Isso representa integrar-se a uma visão de mundo baseada no encontro dialógico com o outro, dentro de uma dimensão ética. Todas as minorias (de sexo, cor, raça, condição social) e sua condição de sujeitos no mundo, são seus objetos de análise e compreensão da realidade a partir dos seus códigos corporais próprios.” (OLIVEIRA, 1997 p.12)

Neste sentido, a Educação Física preocupa-se em extrapolar a questão “Corpo em movimento”, entendendo esta como apenas uma das dimensões de manifestação do corpo. E elege a corporalidade como fim último de sua atuação, enquanto prática pedagógica.

A discussão a respeito da corporalidade baseia-se no princípio de totalidade, onde o homem/mulher é concebido/a, pensado/a e refletido/a à partir de suas múltiplas dimensões: social, política, econômica, biológica, psicológica, cultural, etc. Separando-se do aspecto fragmentado ao qual muitas vezes os indivíduos são tratados.

Através da ação humana, ou seja, através do seu corpo, ocorre à exteriorização de sentimentos, intenções, comportamentos, expressos corporalmente e dotados de uma intencionalidade:

“Um ser humano vivo é um ser de relações com a natureza na qual se inscreve e participa, e com o ambiente social a que pertence onde foi gerado e vive. Assim o corpo tem, de início, uma conotação que responde pela possibilidade de existência material do indivíduo. Só há indivíduo se há, ou houve corpo, sua porção material, concreta, que o distingue e o individualiza” (CARLINI, 1995 p.50).

Percebe-se que a corporalidade enquanto dimensão humana traz consigo marcas e expressões do contexto social, estando inserida num processo de construção histórica, por isso se faz necessário situar o contexto a que cada indivíduo está inserido, para que possamos compreendê-lo/a.

O homem/mulher assume em seu corpo e em suas manifestações, as determinações provenientes do contexto onde se insere, com necessidades e significados que se diferem, demonstrando uma estreita ligação da corporalidade com as questões sociais, e assim “ a leitura que o homem faz do seu corpo, bem como a maneira de comportar-se corporalmente, trazem a marca do grupo social em que vive. Nesse sentido, pode-se dizer que o corpo revela não somente a individualidade do homem, mas também as características do seu grupo social” (PEDROSO, 1994 p.30).

Ao observarmos as questões referentes ao trato com o corpo nas aulas, OLIVEIRA (2003) expressa a Educação Física como um conjunto de saberes primordiais para possibilitar a formação humana. O autor defende a tese de que a Educação Física escolar não deve restringir-se em torno da cultura corporal de movimento ou à motricidade humana, rompendo com a dimensão da aptidão física, ou seja, superar a dimensão motriz, necessitando reconhecer que o corpo que se move é multifacetado e pluridimensional. Desta forma seu conceito de corporalidade caracteriza-se:

“Ao conjunto de práticas corporais do homem, sua expressão criativa, seu reconhecimento consciente e sua possibilidade de comunicação e interação na busca da humanização das relações dos homens entre si e com a natureza estamos chamando de *corporalidade*. A corporalidade se consubstancia na prática social a partir das relações de linguagem, poder e trabalho, estruturantes da sociedade”. (OLIVEIRA, 1998, p.131)

Trata-se de entender que a motricidade não deve estar descolada da corporalidade e esta por sua vez, da dinâmica e produção, circulação e apropriação cultural. E sendo a corporalidade uma possibilidade de formação humana, como afirma OLIVEIRA (2003) “a aula é apenas um fragmento de múltiplos tempos e espaço em que a corporalidade dos alunos - e dos demais agentes escolares - contribuem para sua formação”. Para este autor, a escola deve ser um *lócus* mais amplo e complexo do que a simples compartimentalização e fragmentação do saber, devendo ir além dos conteúdos formais.

Um exemplo de como estar atentos às questões da corporalidade dentro da escola é utilizar-se das aulas de Educação Física como um meio, em que os/as alunos/as não só praticam atividades (fundamentos dos esportes), mas aprendam e convivam uns com os outros de forma a estarem em constante aprendizagem. Sua

bagagem cultural adquirida fora da escola, sua formação familiar, suas vivências, tudo isso contribui para que qualquer prática seja formativa por excelência. O papel da corporalidade dentro da Educação Física vai além das habilidades físicas, muitos conflitos e relação entre meninas e meninos causadas dentro do esporte podem ser discutidas fora dele, o respeito mútuo e maneiras de agir. Tudo isso faz com que a corporalidade seja o fim e o esporte ou qualquer outra atividade, o meio para que haja uma reflexão.

## 2.2 EIXOS NORTEADORES PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO MUNICÍPIO DE ARAUCÁRIA.

Os eixos das Diretrizes Municipais de Educação/2004 do Município de Araucária, baseados nas perspectivas e experiências dos professores e professoras, na noção de corporalidade e nas finalidades que regem a escolarização pública, não são conteúdos, mas uma orientação, pilares de igual importância, que ganham maior ou menor presença de acordo com o contexto – espaço e tempo – onde a Educação Física se apresenta. Sendo eles:

- Desenvolvimento Corporal e Construção da Saúde;
- Expressividade do Corpo;
- Relação do Corpo com o Mundo Globalizado;
- O Corpo que Brinca e Aprende.

### 2.2.1 Desenvolvimento Corporal e Construção da Saúde

O primeiro eixo trata da importância das práticas corporais voltadas para a saúde, compreende que esta também se adquire por meio da alimentação, saneamento básico, moradia, educação, informação, preservação do meio ambiente e acesso ao lazer. Todos esses elementos precisam estar presentes no contexto escolar, pois a escola é o centro cultural da maior parte das comunidades sendo, portanto, referencial a ser seguido pelos sujeitos que buscam o conhecimento.

### 2.2.2 Expressividade do Corpo

O segundo eixo ganha densidade ao refletir que corporalmente manifestamos alegria, dor, tristeza, medo, raiva, prazer, etc, pois cada sujeito/a, de acordo com o contexto onde está inserido/a expressa-se com intencionalidade, sentido e vontade na direção do atendimento às suas necessidades, às suas expectativas e possibilidades de atuação social. As diferentes formas de se expressar são aprendidas culturalmente e a escola e a Educação Física precisam estar atentos ao desenvolver os seus conteúdos, diante da necessidade cada vez maior de humanizar as relações humanas dentro e fora da unidade educacional.

### 2.2.3 Relação do Corpo com o Mundo Globalizado

O terceiro eixo aborda a exposição do corpo às exigências da globalização, no mercado da mídia. Culturalmente pretende-se pensar sobre as influências da indústria cultural sobre a educação do corpo, entendendo que cada espaço constituído da escola deve ser organizado como espaço de aprendizagem, como espaço de relação, repleto de conflitos, contradições, alegrias, debates, etc, sempre na perspectiva de superação, de aprendizagem, de formação e de humanização.

A mídia, juntamente com as condições econômicas, sociais e culturais, têm influenciado diretamente o comportamento dos/as indivíduos/as, gerando atitudes agressivas e conseqüentemente novas formas de relacionamento individual e grupal, bem como novas atitudes que estão presentes na corporalidade de cada um/a. Essas atitudes vão do medo às explosões raivosas de violência. Os efeitos dessas influências em muitos casos ainda estão longe de uma compreensão absoluta.

### 2.2.4 O Corpo que Brinca e Aprende

O quarto eixo compreende que, por meio do brincar crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, são capazes de estabelecer conexões entre o real e o imaginário, refletindo sobre diferentes papéis exercidos por cada um/a nas relações estabelecidas em grupo, onde é possível observar que diferentes grupos sociais constroem formas distintas de brincar. Porém, é possível dizer que hoje muitas crianças utilizam-se de brincadeiras violentas, imitando muitas vezes os desenhos

animados e filmes divulgados na mídia televisiva, quando não a própria realidade de sofrimento à qual estão submetidas.

Neste contexto a Educação Física tem um papel fundamental, pois por meio do brincar aproxima os/as alunos/as e oferece em suas aulas conteúdos que valorizam o processo coletivo, lembrando que na escola o brincar adquire uma dimensão pedagógica onde os conflitos são mediados pelo conhecimento e pela interferência do/a professor/a.

### 2.3 MÍDIA

A mídia é constituída de vários meios de comunicação audiovisuais e a televisão é a que possui maior poder de persuasão, produz e transmite informações, mas ao mesmo tempo dita padrões e necessidades, de forma impactante e sedutora, explora nossas emoções, fantasias, desejos, medos e aperfeiçoa continuamente estratégias e fórmulas de sedução e dependência.

Segundo Bandura in SBORQUIA e GALLARDO (2002), pessoas de todas as idades, etnias, credos e condições sociais aprendem observando a conduta de outros. Essa habilidade milenar do ser humano é de grande utilidade para se adaptar ao ambiente físico e social. Observando e reproduzindo condutas de outrem o indivíduo adquire de forma rápida conhecimentos, crenças e habilidades, também o que seu grupo aceita ou condena. E assim vai acumulando informações e se aperfeiçoando para conviver em sociedade.

Os meios de comunicação, principalmente a televisão, desenvolvem formas sofisticadas multidimensionais de comunicação sensorial, emocional, superpondo linguagens e mensagens que facilitam a interação com o público, ou seja, envolve o indivíduo inconscientemente e encontra de alguma forma repercussão daquilo que espera.

A televisão já constitui o meio de comunicação de massa fundamental dentro da sociedade, se tornou cotidiana na vida das pessoas, têm presença forte e uma grande capacidade de formação do senso comum. Mesmo tendo pouco tempo de criação, aproximadamente cinquenta anos, obteve uma grande e rápida aceitação e expansão, como nos relata GONÇALVES (1993). A televisão é o meio de

comunicação da mídia, de maior poder para a produção e transformação de formas simbólicas e que se utiliza de vários tipos de recursos para atingir seu público alvo.

A mídia televisiva utiliza-se do corpo estético para produzir diversos sentidos: de prazer, de estética, relação entre o belo e o feio, do jovem e do velho, do ideal, do saudável, do doente e outros. Desta forma Uvinha in DICKEL, BORELLI e FAUSTO NETO (2001) afirma que “a vasta maioria das imagens, especialmente aquelas usadas para vender mercadorias por meio de anúncios, são imagens de juventude, saúde e beleza dos corpos”.

Um dos papéis da Educação Física escolar é demonstrar aos alunos que é possível praticar esporte para obter um condicionamento físico adequado e mostrar que existe também o esporte de competição (alto nível). Portanto, esta disciplina deve buscar sua atualização e seu espaço, contribuindo com a sociedade na formulação do senso crítico dos cidadãos/ãs e reafirmando sua própria identidade junto à escola.

O corpo sente, expressa, comunica, cria e significa e no foco das atenções é utilizado pelo sistema publicitário, manipulado e reduzido à forma de mercadoria.

A agência de publicidade Yang & Rubicam, citada por Betti, revela que “os adolescentes brasileiros passam em média quatro horas diárias diante da tv; são o grupo com a maior taxa de exposição aos anúncios”. ( BETTI 1998, p.30).

BETTI nos coloca ainda que, “já não é possível referir-se ao esporte contemporâneo sem associá-lo aos meios de comunicação de massa”. (BETTI 1998, p.31).

“Para a televisão, importa tanto a *forma* de mostrar o esporte como seu *conteúdo*. Uma consequência imediata é a fragmentação e a distorção do fenômeno esportivo, pois a televisão seleciona imagens esportivas e as interpreta para nós, propõem um certo “modelo” do que é “esporte” e “ser esportista”. ( BETTI 1998, p.34).

A utilização de programas de televisão, filmes, eventos esportivos e a própria prática para debates em sala de aula é importante para o aprimoramento do senso crítico do aluno/a. E o incentivo do/a professor/a para formarem suas opiniões e expô-las aos demais colegas, contribuirá para sua formação como cidadão/ã que pensa, age e opina mostrando que os conteúdos trabalhados na sala de aula têm relação com a vida fora dela. Sendo o encargo da escola ajudar as novas gerações

de alunos/as a interpretar os símbolos de sua cultura, devendo fornecer-lhes modelos de interpretação e análise crítica (BETTI 1998, p.55).

## 2.4 GÊNERO: CONCEITO RELACIONAL E PLURAL

A utilização da palavra gênero teve início entre as Feministas Americanas para explicitar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, indicando uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Segundo SCOTT (1995 p.75)... “o termo ”gênero“, além um substituto para o termo mulheres e também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro...”, esta afirmação mostra que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que é criado neste e por esse mundo masculino.

Com o aumento do estudo sobre o sexo e a sexualidade, “gênero” torna-se útil, pois oferece uma distinção entre a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens, “seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontra um denominador comum por diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres tenham capacidade de dar a luz e de que os homens tenham uma força muscular superior” (SCOTT, 1995, p.75).

Na busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas nos anos 80 o termo “gênero” trouxe uma inclusão das mulheres sem lhes nomear, parecendo não representar uma ameaça, enquanto o termo “história das mulheres” traz uma posição política como sujeitos históricos válidos. De acordo com SCOTT, três posições teóricas são utilizadas pelos historiadores/as feministas para análise do gênero: a primeira empenha-se em explicar as origens do patriarcado, a segunda vem de uma tradição marxista buscando um compromisso com as críticas feministas e a terceira divide-se entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo americanas de relação do objeto para explicar a produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito.

Neste estudo, me aproximo da terceira posição teórica que é a teoria pós-estruturalista onde torno problemático nossas formas de conceber as coisas da realidade e no caso em especial, aquelas que se relacionam com o corpo. Se as verdades são coisas deste mundo, se elas são sempre provisórias e problemáticas,

precisam ser constantemente questionadas, submetidas a uma dúvida sistemática. O que é preciso pôr em questão são os regimes de verdade estabelecidos, os raciocínios amplamente aceitos, os modos de falar corriqueiros, tornando a linguagem um alvo de problematização.

É bem por isso que fazer pesquisa nessa perspectiva significa desterritorializar, desfamiliarizar, levar ao estranhamento; significa perguntar pela produtividade de conceitos como autonomia, desenvolvimento, progresso, natureza corporal, pedagogia do corpo e tantos outros que marcaram a compreensão moderna sobre o corpo; significa também questionar as explicações causais. Mas, sobretudo, significa entender os fenômenos humanos em sua inderterminação, em sua complexidade, em sua diversidade, em sua não-linearidade.

As feministas contemporâneas utilizaram o termo gênero na tentativa de reivindicar um terreno de definição e demonstrar a incapacidade das teorias existentes em explicar as persistentes desigualdades entre homens e mulheres, surgindo no momento da mudança de um paradigma científico para um paradigma literário.

LOURO (1997) define gênero através da conexão integral entre duas posições: na primeira o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, na segunda, o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. A primeira consiste em símbolos culturais que evocam representações simbólicas e contraditórias como no caso de Eva e Maria, que simbolizavam a mulher na tradição cristã ocidental, que trazem respectivamente um símbolo de escuridão, poluição e corrupção e luz, purificação e inocência. Esses conceitos, expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas fixam uma posição binária e afirmam de maneira categórica o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino. Para LOURO (1997) nesta posição binária não são questionadas as diferenças no interior de cada pólo e, ao opormos homem/mulher estamos lidando com categorias essencializadas<sup>1</sup> e ignorando as profundas distinções que existem entre os homens ou entre as mulheres, pois estes, não são iguais primeiramente em

---

<sup>1</sup> Essência - como se houvesse um modo de ser mulher e um único modo de ser homem.

relação ao sexo e, com base neste aspecto fundamental, somos socializados/as de maneira completamente diferente.

A dicotomia marca, também, a superioridade do primeiro elemento, sobre o segundo assim, ao analisar os papéis femininos na sociedade, não devemos colocar em oposição homens e mulheres, mas refletir sobre a predominância do gênero masculino sobre o gênero feminino, pois um pólo não apenas depende do outro, mas, em certa medida, também contém o outro, de modo reprimido, desviado<sup>2</sup>.

A autora propõe uma desconstrução deste caráter permanente da oposição binária masculino-feminino, através da problematização tanto a posição entre eles quanto a unidade interna de cada um, percebendo que a posição é construída e não inerente e fixa.

Na segunda posição o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado, sendo uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristã e islâmica. O poder não é só negativo, mas também positivo, pois seduz e, além disso, é exercido em várias direções. Na realidade o poder pode fraturar e dividir cada termo da oposição, pois os sujeitos são homens e mulheres brancos, homens e mulheres negros, homens e mulheres pobres, diferentes religiões, idades, etc. Aqui no caso também estamos relacionando os sexos com os diferentes marcadores sociais.

A política é apenas uma das áreas no qual o gênero pode ser utilizado para a análise histórica, para a autora SCOTT (1995) o gênero está implícito na concepção e na construção do próprio poder. Durante a Revolução Francesa, quando Stalim apoderou-se do controle da autoridade, na implementação da política nazista na Alemanha ou no triunfo de Ayatolá Komehini no Irã, os governantes legitimaram a dominação, a força, a autoridade central e o poder dominante como masculinos, traduzindo este código em leis que impedem a participação das mulheres na vida política, o trabalho assalariado das mães e imposição de códigos a trajar. Neste momento o Estado não tinha nada a ganhar com o controle das mulheres, essas

---

<sup>2</sup> Para o feminismo da diferença sexual, a mulher e o homem são um inteiro que não falta nada do outro sexo, ou seja, para ser mulher eu não tenho que também ser homem, porém vivemos no mesmo mundo que é composto por dois sexos diferentes, qualidade esta que não pode ser comparada.

ações só teriam sentido se integradas a uma análise da construção e consolidação do poder.

Dentro desta perspectiva, os homens são considerados fortes, agressivos, competentes, corajosos, competitivos, independentes e capazes e as mulheres estão associadas à passividade, timidez, fragilidade, sensualidade, afetividade, emotividade e conformismo sendo incentivadas a manter um comportamento dependente.

## 2.5 CO-EDUCAÇÃO NA ESCOLA

A preferência em trabalhar com turmas separadas por sexos é ainda tratada como a melhor solução para alguns professores/as que, durante as aulas de Educação Física, não sabem solucionar conflitos, reforçando estereótipos de gênero e as desigualdades. Sem um aprofundamento nas aulas mistas<sup>3</sup> não ocorre o entendimento das questões cotidianas de enfrentamento dos estereótipos e proporcionando oportunidades equivalentes de aprendizado e participação para ambos os sexos. Ressaltando que há diferenças tanto entre dois sexos, quanto entre os indivíduos do mesmo sexo, logo, nem todas as meninas terão as mesmas facilidades e dificuldades, sendo que o mesmo acontece com os meninos.

Uma das polêmicas levantadas atualmente é descobrir até que ponto a instituição escolar é responsável pela produção e reprodução de estereótipos sexuais e se existe um tratamento diferenciado para meninos e meninas nas aulas. Pois, ao buscar uma alternativa além das aulas mistas pensa-se então, no conceito da co-educação, onde se busca a equidade no tratamento entre meninos e meninas, porém, respeitando sua individualidade "... co-educar não é justapor na mesma sala de aula indivíduos de ambos os sexos, nem tampouco unificar, eliminando as diferenças mediante a apresentação de um modelo único. Não é uniformizar as mentes das meninas e dos meninos, ao contrário, é ensinar a diferença e a desfrutar da riqueza que oferece a variedade". (MORENO in SCHECHOWITSCH, 2002 p.3). Nesse sentido, é importante lembrar que um dos requisitos da co-educação é que as aulas sejam mistas, ou seja, que a escola seja mista, porém isso não é suficiente.

---

<sup>3</sup> aula conjunta entre os dois sexos (feminino e masculino).

Nas aulas mistas tem-se a percepção que meninos e meninas são iguais, acredita-se que todos e todas têm acesso à mesma educação e os resultados por eles e elas alcançados são um reflexo das diferenças individuais. Por outro lado, nas escolas e aulas co-educativas o gênero feminino, masculino e a diversidade são levados em consideração.

A escola co-educativa, segundo MACHADO (2002 p. 28) considera três aspectos fundamentais para a efetiva transformação das relações de gênero: “a igualdade de oportunidade, a diversidade e a eqüidade”. A igualdade de oportunidade é proporcionada com a possibilidade de escolha e não simplesmente de acesso. Entende-se a diversidade como a valorização da identidade de cada um como ser único, onde meninas e meninos não são iguais e existem a partir da diferença e para que haja eqüidade, são respeitadas as características únicas de alunos e alunas.

Neste sentido, “as aulas co-educativas não objetivam simplesmente a participação das pessoas juntas, mas em ver realmente como as meninas e os meninos aprendem e participam, quais atividades estão sendo propiciada às meninas e aos meninos” (MACHADO 2002 p. 2).

Nas aulas de Educação Física a igualdade de gênero acaba camuflando as desigualdades, pois, para trabalhar com meninos e meninas não é necessário que façam as mesmas atividades, pois há que averiguar quem sabe e quem não sabe e o que devem efetivamente aprender para que possam jogar juntos.

Desta forma, a igualdade, torna-se um acordo entre desiguais porque não há uma perspectiva de aprendizagem de quem não sabe, participando apenas como figurantes.

Para COSTA e SILVA (2002), na busca de melhores possibilidades de educação para ambos os sexos é necessário um debate sobre a função da escola na educação de meninos e meninas através de uma reflexão sobre a relação de gênero no espaço escolar, dentro do tema da co-educação.

De uma maneira geral nas instituições escolares, as meninas e os meninos recebiam uma educação diferenciada, ou seja, para que as meninas se tornem boas esposas e mães e para os meninos bastava se tornarem bons trabalhadores para sustentar a casa. Porém, com a luta dos movimentos feministas, alunos e alunas começaram a ter os mesmo direitos que subsidiaram a criação da escola mista. Com

ela pretendia-se oferecer um bom nível educacional para a mulher, proporcionado pelo modelo mais valorizado, ou seja, adaptando-as ao modelo masculino. Desta forma as meninas acabaram sofrendo discriminações, em função da falta de condições pedagógicas para o desenvolvimento de suas potencialidades, são as mulheres que denunciam este modelo que prejudica não só as meninas mas também os meninos que não correspondem à ele. Desta forma, as aulas co-educativas estão centradas em modelos alternativos com estratégias que neutralizem as práticas discriminatórias.

Segundo o autor e a autora:

“Existe uma diferença entre a escola mista e a escola co-educativa: a co-educação considera a igualdade de oportunidades entre os gêneros, porém, é importante destacar que a escola mista não possui o mesmo significado da escola co-educativa. Neste sentido, para esclarecer os caminhos da co-educação em educação física, convém assinalar que esta disciplina não aborda a igualdade entre os sexos, e sim a equidade, tendo como objetivo criar um clima tal que permita o desenvolvimento integral: afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem o prejuízo em relação ao gênero, ou seja, uma escola para a formação do sexo feminino e do sexo masculino que valorize as diferentes contribuições e habilidades independentes do sexo”. (COSTA e SILVA, p.48. 2002).

Além disso, vale ressaltar ainda que tratar a co-educação como a simples introdução das meninas nas atividades não garante a igualdade de oportunidades e não assegura o acesso aos diversos tipos de saberes.

Porém, segundo COSTA e SILVA (2002) alguns autores defendem a co-educação pela igualdade e outras pela diferença. Dentre elas Scraton (1993) afirmando que o acesso de meninas e meninos aos mesmos tipos de atividades por si só já garante a co-educação e ao tratar todas as crianças de forma igual, pode-se ignorar suas individualidades e limites, que todos/as podem beneficia-se de suas experiências, potencialidades, habilidades e interesses variados. Fundamentando-se nos estudos da diferença Gonzáles Fontao (1997) utiliza a noção de igualdade, valorizando as diferenças de meninas e meninos, contribuindo para a possibilidade da construção de um ambiente escolar “comum”, “equitativo” e “solidário” que seja pessoalmente enriquecedor e socialmente integrador, independente do gênero e seus elementos constituintes.

A igualdade de oportunidades nas aulas de educação física, conforme Talbot (1996) in COSTA e SILVA (2002) não deve ser pautada na comparação dos meninos com as meninas ou da necessidade de destreza na dança por parte dos

meninos e do futebol por parte das meninas. O mais importante é valorizar a diferença e a contribuição individual para todos os meninos e meninas, sendo oferecidas atividades físicas como direito, com recursos iguais para atividades femininas e masculinas, ampliando, dessa forma, a sua oferta e proporcionando maior elenco de atividades variadas, tais como a recreação e aprendizagem através da prática.

### 3. METODOLOGIA

Resolvi trabalhar com o estudo de caso, pois de acordo com MOLINA (1999) no âmbito educativo o estudo de caso possibilita uma maior interação entre a teoria-prática, afastando mais os riscos de simplificações através deste tipo de estudo pode-se teorizar a partir da prática, teorizar sobre a prática ou sobre a transformação de mesma.

Estudo de caso estão relacionados de micro-investigações que focalizam aspectos muito específicos de uma realidade macro.

Segundo MOLINA (1999 p, 96) “o estudo de caso qualitativo é especialmente pertinente, quando se trata de tentar responder a problemas ou perguntas que se formatam em “comos” e/ou “por quês” e se interessam por acontecimentos contemporâneos dos quais obtemos poucas informações sistematizadas”. Walker citado por MOLINA define o estudo de caso como a análise de um exemplo em ação.

Os estudos qualitativos de caso também se centram nas observações e no aprofundamento de situações concretas e ao mesmo tempo compromete o/a investigador/a no papel interativo com as pessoas.

O presente estudo de caso foi realizado no 1º e 2º semestre letivo de 2006, com aluno/as da 6ª série objetivando analisar a prática pedagógica de uma professora de Educação Física que participa dos Assessoramentos e Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação de Araucária.

Para realização do estudo participei de três Assessoramentos onde foram discutidas as temáticas: mídia, gênero, Diretriz Curricular de Educação Física de Araucária, violência, prevenção de acidentes, jogos na informática, texto das memórias e relatos dos/as professores/as.

Contactei com uma das professoras participantes do Assessoramento e a mesma se colocou a disposição no que fosse preciso auxiliando-me nos meus estudos. Diante da aceitação da professora, passei a observar suas aulas uma vez por semana num total de 20, no período de 23 de Maio a 07 de Novembro de 2006.

As observações estiveram fundamentadas nas relações: professora/aluno/a, aluno/aluno, conteúdo, metodologia, estereótipos de gênero/sexualidade, violência e aspectos da mídia. Dentro das seguintes perguntas norteadoras: qual é o

referencial teórico da Educação Física utilizado pela professora, quais os eixos abordados para os/as alunos/as da 6ª série, como acontece a relação professora/aluno/a, como os alunos/as se relacionam, quais conteúdos são contemplados na 6ª série, qual a forma linguagem utilizada pela professora: neutra, estereotipada, como os alunos e as alunas são avaliados/as e como a professora trata as questões emergentes: gênero e co-educação, também contemplados nos Assessoramentos.

Também realizei conversas informais com a professora no sentido de estabelecer uma relação mais próxima de modo a poder entender também como a professora efetiva, as temáticas do assessoramento na prática educativa ou no dia-a-dia de suas aulas.

Por motivos éticos não revelarei o nome da professora e o nome da Escola.

O investigador ou investigadora de estudos qualitativos analisa os documentos oficiais e pessoais para adquirir conhecimento sobre as pessoas que os redatam o que permite compreender as perspectivas, as preocupações e atividades de quem os produz.

### 3.1 PAUTA DE OBSERVAÇÃO

- Dia
- Local (sala ou quadra)
- Conteúdo ministrado
- Quem participa e como participa da aula
- Discriminações de gênero/sexualidade
- Problemas entre alunos, entre alunas e entre alunos/alunas
- Mensagens expostas pela professora (referente à gênero, mídia, violência)
- Comentários dos alunos/as
- O que me chamou atenção (comportamentos, relações, atitudes, etc).

### 3.2 ANÁLISE DE DOCUMENTOS

- Diretriz Curricular do Município de Araucária

- Plano Político Pedagógico da Escola
- Textos utilizados nos Assessoramentos
- Relatos de experiência dos/as professores/as das Escolas Municipais participantes dos Assessoramentos

### 3.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS NO CAMPO

A observação foi um elemento valioso para a realização do estudo.

A relação entre observador/a e observado/a não é neutra e no caso desse estudo, como observadora participante dos acontecimentos, fui uma das atoras, registrando informações e conversando para esclarecer as dúvidas.

Na pesquisa qualitativa não é a quantidade de participantes que valida o estudo e sim a observação em profundidade.

Escrevi os relatórios das observações e na seqüência realizei posteriores reflexões que serviram como referencial para a análise do presente estudo.

As conversas informais constituíram nos esclarecimentos dos fenômenos nos quais estabeleci relações de significado e sentido que inter-relacionaram com o problema de investigação.

As unidades de análise foram relacionadas com a evolução do estudo e com a minha própria compreensão no encaminhamento metodológico, já que este se constitui no caminho percorrido para a realização desta monografia.

A triangulação foi realizada através das observações, reflexões e esclarecimentos nas conversas informais que se constituíram na triangulação do método e com a orientadora do estudo que se efetivou através da análise de uma pessoa mais experiente no assunto estudado.

### 3.4 DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO

A escola na qual foi realizado o estudo localiza-se próxima à minha residência e foi também onde concluí o Ensino Fundamental. Em vista do meu antigo conhecimento da Escola e também de algumas pessoas que lá trabalham, como o Diretor e antigos professores e professoras, a autorização e o acesso às aulas da professora em questão, ocorreu tranqüilamente.

Com o passar do tempo, a partir da primeira observação, tornou-se mais evidente a percepção de atitudes e comportamentos, tanto dos/as professores/as em relação aos alunos/as, quanto à relação alunos/as/professores/as e também a inter-relação entre os próprios alunos e alunas. Essa percepção ocorre não somente durante as aulas, mas também no intervalo (recreio) e nos momentos que antecedem as aulas, (como a recepção dos/as alunos/as ao professor/a regente ainda no momento da fila) bem como o próprio funcionamento da Escola, os horários, as regras e procedimentos tomados.

Os professores/as apresentam uma relação próxima com os alunos/as, principalmente os/as que estão há mais tempo lecionando naquela escola.

A escola possui uma boa infra-estrutura, com três quadras (uma poliesportiva, uma de vôlei e uma de handebol), pátio, saguão com um palco, uma biblioteca, sala de áudio e vídeo, sala de artes, sala de material de educação física, sala de informática com 16 computadores, 17 salas de aula incluindo uma sala especial para atender alunos/as com necessidades especiais e dificuldade de aprendizagem, cantina, secretaria, sala dos diretores, sala dos professores/as, sala das pedagogas (uma de Pré à 4ª série e outra de 5ª à 8ª série) e xerox.

A escola atende 39 turmas, nos períodos da manhã e tarde, totalizando 1.365 alunos e alunas do Ensino Fundamental com 55 professores/as e 22 funcionários, entre secretárias, serventes, cozinheiras, inspetores.

### 3.5 ACESSO AO CONTEXTO OBSERVADO

Partindo do tema escolhido, “Corpo e mídia nas aulas de Educação Física: um estudo de caso”, comecei a conversar com algumas pessoas na busca de informações sobre o assunto. Então, partindo do meu local de trabalho – Secretaria Municipal de Esporte e Lazer do Município de Araucária – durante os Jogos Escolares, tive oportunidade de conversar com o coordenador de Educação Física da Secretaria Municipal de Educação de Araucária, Rubens Astorfi Júnior<sup>4</sup> e expor o tema do meu trabalho, sabendo ele, que o tema mídia seria tratado no próximo assessoramento, me convidou para participar.

---

<sup>4</sup> Especialista em Educação Motora na Universidade Estadual de Campinas.

De fato, na ocasião desse primeiro encontro que participei foi tratado o tema mídia (mais especificamente o futebol feminino na mídia) e relações de gênero e co-educação, que me levaram a buscar não somente questões relacionadas à mídia, mas também aprofundar o conhecimento a respeito dos Quatro Eixos norteadores da Diretriz de Educação Física do Município<sup>5</sup>, centradas na corporalidade<sup>6</sup>, bem como voltar minha atenção aos relatos trazidos pelos próprios professores e professoras, como violência e sexualidade na adolescência.

Percebi a importância de buscar uma pessoa com experiência nestes assuntos a serem estudados (como as relações de gênero e co-educação) e obtive aceitação da minha então orientadora, Doutora Maria Regina Ferreira Costa, que muito me ajudou a entender e nortear o caminho a percorrer.

Daí por diante passei a freqüentar os encontros de formação continuada e também por ocasião dos Jogos Escolares conheci e contactei com uma professora de Educação Física, também participante dos encontros, para que eu pudesse observar suas aulas em alguma turma, na escola mais próxima de minha casa. E posteriormente, fazer uma análise quanto ao conteúdo trabalhado, bem como sua intervenção relacionada à mídia e aos temas abordados nos assessoramentos, que visam a legitimação da Diretriz Curricular. A professora se colocou a disposição para esclarecer qualquer dúvida e durante todo o tempo da pesquisa, tratou-me gentilmente em nossas conversas informais.

---

<sup>5</sup> Desenvolvimento Corporal e Construção da Saúde; Expressividade do Corpo; Relação do Corpo com o Mundo Globalizado e O Corpo que Brinca e Aprende.

<sup>6</sup> Conjunto de práticas corporais do homem, sua expressão criativa, seu reconhecimento consciente e sua possibilidade de comunicação e interação na busca da humanização das relações dos homens entre si e com a natureza.

## 4. DISCUSSÃO

### 4.1 ENCONTROS E DESENCONTROS NA FORMAÇÃO CONTINUADA

A coordenação de Educação Física da SMED/Araucária no ano de 2006, tem se preocupado com a temática da mídia incluindo-a nos seus encontros de formação continuada. Os encontros pretendem contribuir com uma formação adequada dos/as profissionais de Educação – no caso, Educação Física – especialmente porque a Diretriz Curricular da área, a influência da mídia é contemplada através do eixo: O desenvolvimento do corpo e mundo globalizado e as Possibilidades expressivas do corpo.

O primeiro encontro do assessoramento que participei foi realizado dia 17 de Maio de 2006 na sala de reuniões Paulo Freire com início às 13h30min e término às 16h30min.

Nesta ocasião foi abordado o tema: A influência da mídia no futebol feminino, que desenvolveu-se através de três reportagens jornalísticas envolvendo jornais e televisão. As duas reportagens apontaram à discriminação da mulher no futebol, visto que revelaram que através de um fato ocorrido em um jogo de futebol profissional, onde um gol foi anulado em virtude de um ponto eletrônico, foi tratada pela mídia como culpada a árbitra auxiliar Ana Paula de Oliveira<sup>7</sup>.

Quanto ao tema: Meninos e meninas nas aulas de Educação Física, o coordenador utilizou uma história em quadrinhos da Turma da Mônica para enfatizar a questão do gênero. A história em quadrinhos “A ameaça das curumins” encaminhou a discussão referente à gênero pois, nela o Índio Papa-capim não aceitava que a indiazinha fosse melhor do que ele nas atividades de correr, saltar, nadar e atirar com arco e fecha, porém ele foi vendo que poderia aprender muito com ela, parando de evitar sua companhia e começando a descobrir a riqueza de se compartilhar as experiências que cada um traz consigo.

---

<sup>7</sup> Utilizou-se o Artigo da Revista do CBCE de Janeiro de 2005, intitulado: As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo, da autora Márcia Morel da UFG, V.26 nº2, para embasar a discussão sobre esta temática.

A historinha levou os/as professores/as a discutir como meninos e meninas relutam em participar de atividades juntos/as e qual seria a forma dos/as docentes estarem atuando e modificando a forma dos/as alunos e alunas se comportarem durante as aulas. No relato de uma professora participante do Assessoramento afirmou-se que sua preocupação era fazer com que meninos e meninas participassem igualmente das atividades propostas nas aulas, segundo ela, “estas aulas surgiram da necessidade de promover condições para que os alunos participem do processo de construção do conhecimento para que assim envolvam em suas possibilidades autônomas”. Então, ela propôs que ele/as criassem as regras do jogo de handebol em que todos/as participassem. Segundo a professora a atividade foi bem sucedida, pois a turma cooperou e colaborou para que conseguissem não somente a participação de alunos e alunas juntos, mas ela pôde ver realmente a aprendizagem e a participação no trabalho em equipe.

Ao analisar essa situação SOUZA e ALTMANN (1999) relatam que a ocupação generificada dos espaços escolares se dá principalmente com relação ao esporte, onde os meninos exercem maior domínio, ou seja, deve-se fazer com que haja uma intervenção docente na desconstrução dessas relações de poder, onde “o processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, o que implica – no processo ensino/aprendizagem de valores – conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados masculinos ou femininos” (SOUZA e ALTMANN, 1999 p.54)

As aulas mistas co-educativas de Educação Física, podem proporcionar aos meninos e meninas que convivam, observem, descubram e possa aprender a ser reconhecidos com as suas diferenças, a não discriminar e a compreender as diferenças de forma à não reproduzir estereótipos e relações sociais autoritárias.

Porém, nas aulas observadas encontrou-se distinções entre os dois sexos sendo trabalhadas através das Danças Folclóricas, diferenças que foram reforçadas tanto na letra quanto na execução dos passos da dança.

“Mestre Domingues”

Mestre Domingues o que vem fazer aqui. (bis)

Não vim fazer barulho vim tomar um parati. (bis)

Mestre Domingues o que é que você quer. (bis)  
 Não vim fazer barulho vim buscar minha mulher. (bis)

“Caninha Verde”

Laia - laia-la Laia-laia - Laia (bis)  
 Eu plantei a cana verde sete palmos de fundura  
 Laia-laia-la Laia-laia - Laia  
 Eu plantei a cana verde sete palmos de fundura  
 Quando foi de manhã cedo já cortei cana madura

Ai-ai meu bem quem escorrega também cai  
 Ai-ai meu bem quem escorrega cai também  
 Tudo isso acontece no amar e querer bem (refrão)

A moda da cana verde veio de Montevideo  
 Laia - laia-la Laia-laia - Laia  
 A moda da cana verde veio de Montevideo  
 Quem não dança a cana verde morrendo não vai pro céu

Refrão

A moda da cana verde veio do norte c'o vento  
 Laia- laia-la Laia-laia –Laia  
 A moda da cana verde veio do norte c'o vento  
 As moças mandaram vir para o seu divertimento  
 Refrão  
 (rápido) Laia- laia-la Laia-laia –Laia (bis)

Apesar das Danças de Salão serem abordadas na 8ª série, acredita-se que com a letra de tais músicas poder-se-ia trabalhar valores e interpretações diferenciadas, não só das músicas trabalhadas como também algumas músicas atuais que trazem letras abusivas e com conotações sexuais. Trabalhando, além do resgate cultural, as relações de gênero durante os movimentos das danças, onde os/as alunos/as demonstravam muita timidez e insegurança ao estar se deparando com o corpo do/a outro/a, suas diferenças e semelhanças, sua sexualidade, ou seja, suas relações com o/a outro/a. Vale ressaltar também o modo como a mídia se

apropriada desses fatores citados para transmitir uma linguagem audiovisual que desvaloriza e até banaliza a exposição dos corpos femininos.

As letras das músicas acima, que foram trabalhadas pela professora em suas aulas, trazem algumas questões que poderiam ter sido discutidas, como por exemplo, uma incitação à bebida com a frase “vim tomar um parati” e também no segundo refrão aparece uma visão de posse da mulher com a frase “vim busca minha mulher”, que remete a uma visão patriarcal, bem como, saber o sentido do que é a “moda da cana verde”, que veio de “Montevideú” pois, a repetição de uma letra e passos que não tenham um significado e um entendimento, se tornam inócuos.

Segundo SBORQUIA e GALLARDO (2002), existe uma cultura brasileira muito ampla e riquíssima para ser usada e explorada na escola, com suas danças, músicas, cantigas de roda e brincadeiras, em que a professor/a de educação física poderá levar os alunos e alunas a refletir e a abstrair o conhecimento sobre sua própria cultura e história. Portanto, as danças folclóricas e populares podem ser abordadas nas aulas, desde que sejam refletidas e abordados os seus significados.

A autora e o autor elaboraram em seu estudo uma classificação<sup>8</sup> das danças quando ao cunho ético-moral a fim de oferecer alguns critérios para a utilização da dança na escola. São elas: as danças representativas, danças sensoriais, danças sensuais, danças sexuais, danças eróticas e danças pornográficas.

Dentro dessa classificação recomenda-se que os/as professores/as trabalhem com as danças representativas, sensoriais e sexuais, sendo as danças eróticas e pornográficas analisadas como incoerentes ao meio educacional, cabendo ao professor/a a elucidação do que são essas danças.

Segundo SARAIVA (2005), “o estereótipo, de forma simplificada, é o conjunto de características que “definem” o papel do indivíduo, enquanto o papel é conjunto de comportamentos esperados desse indivíduo” ou seja, espera-se de cada pessoa um comportamento e atitudes pré-definidas, atribuídas socialmente.

Sendo o/a educador/a o/a agente de desconstrução dessa estereotipia, percebeu-se nos passos das danças nítidas atribuições dadas aos meninos e as

---

<sup>8</sup> Para saber mais ler: As danças na mídia e as danças na escola, dos autores: Sílvia Pavesi Sborquia e Jorge Sérgio Pérez Gallardo, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.23, n.2 Jan. 2002.

meninas. Com passos fortes, bem marcados e postura firme, para os passos masculinos e suavidade, leveza e beleza para os passos femininos.

Já o segundo encontro do assessoramento ocorreu dia 21 de Junho de 2006 iniciando-se às 13h30min e término às 16h30min na sala de reuniões Paulo Freire e teve como ponto norteador à “Prevenção de acidentes nas aulas de Educação Física” com a participação de um professor convidado. Foi disponibilizado também o material para as aulas na informática. O palestrante, Professor Renato Nascimento do Departamento da Escola Técnica da UFPR e da Coordenação do atendimento pré-hospitalar, falou sobre o projeto Escola Segura apresentando fatores de risco e atividades de prevenção nas aulas de Educação Física.

Devido à falta de tempo na ocasião, não foi possível realizar o assessoramento de Tecnologia Educacional, então foi distribuído para cada um dos/as professores/as uma cópia das sugestões de atividades para o laboratório de informática, cujo tema era a “Copa do Mundo 2006”. Buscando incentivar debates sobre ética, respeito às diferenças e consumo, valorizando o companheirismo e o espírito de equipe em diversas atividades, permitindo compreender o futebol – um dos elementos mais marcantes da cultura brasileira – de forma interdisciplinar.

Foram sugeridas quatro atividades, a primeira com a utilização de uma história em quadrinhos da Mônica ou do Chico Bento, para o desenvolvimento de um trabalho de linguagem, que leve o/a aluno/a a observar, perceber, descobrir, refletir sobre o mundo, interagir com seu semelhante através do uso funcional de linguagens e imagens. A segunda utilizando-se da música: “Uma partida de futebol” do grupo Skank, analisando o título, as frases e o que a música expressa. A terceira atividade utiliza-se “Copa 2006 – Pesquisando e aprendendo”, com pesquisas sobre os países participantes da Copa 2006, com os mascotes das Copas anteriores, o perfil dos jogadores e a criação de uma apresentação do que foi descoberto. Dentro deste mesmo tema, outras sugestões são: a “Educação Física e a Copa do Mundo” onde os/as professores/as podem pensar em como aproveitar isso tudo para ensinar melhor sua disciplina, explorando significados que o futebol assume no cotidiano; a “cooperação e respeito às diferenças falam mais alto quando o assunto é futebol”, buscando despertar nos/as alunos e alunas, o senso de igualdade e solidariedade, derrubando dois mitos: de que futebol é coisa de homem e que pessoas portadoras de deficiência não têm habilidade para os esportes; pois o

“plano de aula 5ª a 8ª série: Os times aqui são mistos”, onde meninos e meninas jogam juntos de mãos dadas; os temas “inclusão” Deficientes e eficientes, Mulher no gramado e Bate-bola nas Paraolimpíadas e “Jogando para a paz” onde os/as alunos/as entendam a dimensão do futebol como cultura, valorizando os aspectos positivos e repúdio à violência no futebol, usufruindo como prática saudável e solidária. A quarta atividade proposta intitula-se “Meu corpo”, que busca estimular o auto-conhecimento, a auto-estima, a auto-imagem e a socialização.

A utilização destes recursos tecnológicos proporciona ao/a professor/a a integração à tecnologia educacional para que ele/a a utilize como recurso auxiliar ao processo de ensino-aprendizagem de seus alunos e alunas. Porém, apesar de todas essas possibilidades apresentadas para a utilização desses recursos, não foi relatada por nenhum professor/a a utilização desse material (temas abordados), em suas aulas.

A professora observada utilizou em suas aulas os recursos tecnológicos (informática) para trabalhar o xadrez. Porém, observei que durante as aulas não houve qualquer preocupação quanto à relação entre os alunos/as. Isso se deve ao fato que jogar “com” o/a outro/a é diferente de jogar “contra”, o/a outro/a. Além disso, jogo pelo jogo, não trata do trabalho pedagógico, mas as relações estabelecidas durante o mesmo é que possibilitam a troca de conhecimentos, respeito, amizade, ou seja, valores - positivos ou negativos - que estão implícitos em qualquer atividade, ou expressão corporal.

Acredito que não basta que as aulas sejam mistas, pois isso não representa auxílio na formação dos alunos/a a respeito do rompimento das fronteiras de gênero e um melhor relacionamento entre meninos e meninas.

Desta forma, para que meninos e meninas participem das aulas de Educação Física mistas e co-educativas é necessário observar atentamente quem participa e como participa, quais espaços meninos e meninas ocupam durante as aulas.

Ao efetuar a observação vamos constatar que os grupos de meninas e meninos não são homogêneos, ou seja, há meninas habilidosas como meninos com pouca habilidade, como por exemplo no futebol. Isso quer dizer que o menino não é obrigado a gostar de jogar futebol para ser menino.

A co-educação é a educação à ambos os sexos no sentido de propiciar o aprendizado e a prática de qualquer atividade corporal.

A co-educação considera a equidade entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física, porém isso não quer dizer que meninos e meninas tenham que fazer as mesmas atividades e ao mesmo tempo.

O terceiro encontro do assessoramento foi realizado dia 27 de Setembro de 2006, iniciando-se às 13h30min e término às 16h30min na sala de reuniões Paulo Freire. Nesta ocasião o coordenador iniciou as atividades com uma vivência aplicável à alunos e alunas do Pré I e II. utilizou bexigas e quatro músicas, na primeira “Era uma casa” os/as professores/as participantes encheram cada qual sua bexiga e começaram a lançá-las ao ar aleatoriamente ouvindo a música. Na segunda música de “Regee” cada pessoa realizava um movimento diferente para que fossem experimentados por todos/as. Na terceira música “dos bichinhos” usou-se a expressão corporal, onde cada pessoa representava um animalzinho e realizava movimentos para serem repetidos pelos/as outros/as participantes e na quarta música “Esperando na Janela” cada dupla representava a letra com movimentos.

Após, foi apresentado o texto: Vozes de professores: Primeiros elementos de uma construção da memória da Educação Física no Município de Araucária, - apresentado no III Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte de 20 a 23 de Setembro de 2006 na Universidade Federal de Santa Maria - que originou-se a partir dos assessoramentos realizados pelo Professor Doutor Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, docente do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná, ao grupo de professores/as de Educação Física da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Araucária.

Os relatos apresentam as formas que os/as professores e as professoras encontram para trabalhar com os eixos descritos na nova Diretriz Curricular. São dez experiências que objetivavam: o resgate de jogos e brincadeiras através de uma pesquisa histórica com as turmas do Pré à 8ª série; a tematização e elementos da cultura hip-hop; a construção de gincanas culturais coletivas para o resgate da história popular em duas escolas rurais; utilização da temática elementos básicos da saúde, tratando de saneamento básico e higiene pessoal em uma escola rural; a discussão de um dos professores refletindo sobre a temática da avaliação; debates sobre o tema qualidade do sono com turmas da Educação de Jovens e Adultos; construção de petecas para 3ª e 4ª séries; temática da homossexualidade, com

elementos de gênero e sexualidade para 6<sup>a</sup> 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries e sob a perspectiva da corporalidade, o trabalho com jogos tradicionais, história em quadrinhos, textos e algumas manifestações esportivas.

A proposta pedagógica da escola nos seus objetivos gerais apresenta para o Ensino Fundamental:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais utilizando o diálogo como forma de mediação conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sócio cultural brasileiro, bem como aspectos sócio-culturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Os Eixos da Proposta Teórica da Educação Física da Escola observada são:

- A Ginástica,
- A Dança e
- Os Jogos

O encaminhamento teórico/metodológico considera: “Educação Física como *ciência da motricidade humana*<sup>9</sup>, tendo o movimento humano como expressão objetivando a consciência corporal, formado pelo conjunto das relações que compõe uma determinada sociedade e dos saberes sistematizados pela classe dominante sobre esta consciência corporal” e ainda “A ação educativa deve ser um instrumento que prepara o homem para reivindicar seu direito de opinar discutir, criticar e alterar a ordem social e de ter acesso à cultura e à história de seu tempo” e que “A concepção de cultura corporal amplia a contribuição da Educação Física para o pleno exercício da cidadania, na medida em que tomando seus conteúdos e as capacidades que se propõe a desenvolver como produtos sócio culturais”.

---

<sup>9</sup> Grifo meu.

Considero este referencial confuso, pois apresenta perspectivas teóricas antagônicas, como a ciência da motricidade humana que se centra no movimento corporal e na cultura corporal, enfocando o pleno exercício da cidadania.

Apesar da reformulação do Projeto Pedagógico as observações evidenciaram que há uma preocupação exclusiva da professora na execução das atividades: dança, xadrez, basquete, o que não contempla as discussões mais amplas da nova Diretriz Curricular ou seja, a sua mediação quanto aos problemas emergentes.

São nas atividades do dia-a-dia que as personalidades vão se criando e se consolidando. Por esse motivo é que se torna necessário desconfiar daquilo que chamamos de *natural* e evitar atitudes que desconfiem de um desvio de personalidade quando alguma criança sai fora do “padrão” esperado.

Pelas observações realizadas constatei que a professora naturaliza atitudes e comportamentos dos/as alunos, que poderiam deixar de ser banalizados, para serem discutidos com todos/as, como no caso das piadinhas e risos em relação às características físicas de cada um tornando-se motivo de chacota (“gorda, Free Willi”, “nariguda”, “tão alta que vai relar a cabeça no teto”).

A Educação Física Escolar atual, não pode direcionar seus conteúdos somente para o corpo físico, ela faz parte de um sistema educacional onde a transmissão dos conhecimentos aos alunos/as deve ser a mais ampla possível, valorizando-o/a não somente como um/a aprendiz de movimentos, e sim, como um cidadão/ã em formação que analisa, forma opinião e critica.

A escola de modo geral é o espaço onde se deve promover o desenvolvimento e o conhecimento, contribuindo assim para formar indivíduos críticos, com o poder de reflexão e capazes de atuar em suas comunidades como agentes de transformação.

## 5. CONCLUSÃO

Na Escola em que foi realizada a pesquisa observou-se a ocorrência de uma falha quanto ao entendimento e modificação do modo de intervenção por parte de alguns professores/as da Rede de Ensino, no sentido de legitimar a prática da nova Diretriz, centrada na Corporalidade. Segundo o coordenador isso se deve por parte da professora observada e a sua dificuldade em se adaptar a esta transição, ou seja, o novo modo de perceber a Educação Física, pois a professora pode estar se equivocando e apenas mantendo a forma conteudísta da antiga Diretriz.

O Coordenador comentou ainda sua preocupação referente à dificuldade encontrada por alguns professores e professoras em participar dos assessoramentos e também a falta não justificada de alguns.

No que se refere ao relato dos professores e professoras percebe-se que os mesmos estão trabalhando e modificando seu modo de intervir na busca de atender e contemplar as questões emergentes da Educação Física.

Porém, com base na observação das aulas da professora da 6ª série, análise do Projeto Político Pedagógico da Escola estudada e dos Assessoramentos averigüei uma lacuna na efetivação da prática da professora.

Acredito que os assessoramentos são fundamentais para que haja uma transformação na prática educativa da professora estudada, porém há que se preocupar também com a profundidade e entendimento individual e coletivo dos temas tratados.

No que se refere ao projeto educativo de cada escola, este deve ser elaborado em um processo contínuo de reflexão, oriundo de discussões realizadas pela equipe escolar, buscando escolher os caminhos e as ações que serão tomadas para atingir os objetivos propostos anteriormente.

Dentro da escola transmitem-se formas de agir e de ser, porém, é que muitas vezes isso ocorre de forma oculta, sem que os professores/as nem mesmo percebam os valores que são ensinados “sem querer” para os alunos e alunas. A professora não deveria se preocupar apenas com o que será ensinado, mas também, a forma como ensinar e a incorporação por parte dos/as alunos/as.

O papel do/a educador/a nas relações de gênero é de reconhecer as diferenças comportamentais entre meninos e meninas e trabalhar com elas de forma

que não se transformem em desvantagens, jamais reforçando estereótipos e propiciando discriminações de qualquer tipo, “a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças”. (LOURO, 1997, p.65).

O educador/a de práticas corporais têm o privilégio de trabalhar com corpos em movimentos que transmitem a liberdade do pensamento de expressão.

O ser humano é uno, indivisível, não fracionado, que sente, percebe e expressa através de seu corpo, que é veículo e meio de comunicação com o mundo.

Posturas, atitudes, gesto e olhares exprimem melhor do que as palavras às tendências e pulsões, bem como as emoções e os sentimentos das pessoas que vivem numa determinada situação ou contexto.

É importante destacar que a professora observada, realmente ensina os conteúdos que ela se propõem a trabalhar. Em suas aulas, envolve os alunos/as ocorrendo assim à participação de todos/as. Porém, acredita-se que haja a necessidade apenas de um avanço quanto às questões mais abrangentes abordadas pela nova Diretriz Curricular, ou seja, se ater mais profundamente nas relações que ocorrem entre alunos e alunas, seus conflitos, necessidades, anseios e desejos, extrapolando a perspectiva meramente motriz, pois, atribui-se como função do/a profissional da educação a busca de meios para que o/a aluno/a tenha oportunidades de viver e aprender através da linguagem corporal e fazer com que o/a aluno/a tenha consciência que o corpo não é um fim, mas sim um meio de expressão, como a fala e a escrita.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. SOUZA, Eustáquia S. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cad. CEDES, Ago. v.19. n. 48.p.54, 1999.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia – educação**. Campinas: Autores Associados, 2002.

CARLINI, Alda Luiza. A educação e a corporalidade do educando. **Discorpo**, São Paulo, n.4,p.50, 1995.

COSTA, Maria R.F, SILVA, Rogério, Goulart. A educação física e a co-educação: igualdade de diferença? **Revista Brasileira de ciências do esporte**, Campinas, V.23, n.2. p43-54 jun.2002.

DICKEL, Débora B. BORELLI, Viviane. FAUSTO NETO, Antonio. Algumas reflexões teóricas sobre a representação do corpo. **Revista Comunicação Movimento e Mídia na Educação Física**.Vol. 6, nº7, Jan-Dez 2001.

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental de Educação Física.

DIRETRIZES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ARAUCÁRIA. 2004

GONÇALVES, Silvia C. A. Televisão e Educação Física – Análise Reflexiva. In: Autores Associados. **Comunicação Movimento e Mídia na Educação Física**.Caderno1, Imprensa Universitária. RS, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: vozes, 1997.

MACIEL, Pedro. Jornalismo e Televisão: Normas Práticas. In: DICKEL, D. B. BORELLI, V. FAUSTO NETO, A. Algumas reflexões teóricas sobre a representação do corpo. **Revista Comunicação Movimento e Mídia na Educação Física**. Vol,6, nº7,p.19, Jan – Dez 2001.

MACHADO, Andréia de Lara. Docência e estereótipos de gênero nas aulas de educação física. Monografia apresentada com requisito parcial para conclusão do curso à Universidade Federal do Paraná. Curitiba p.2 e 28, 2002.

MARCONDES, C. **Televisão – A vida pelo vídeo**. SP. Moderna. 1988.

MEC/SEF – BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Educação Física. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MEC/SEF – BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF, 1997 p, 44.

MEDINA, João P. S.- **Educação Física cuida do corpo...e “mente”**.Campinas, Papiros, 1997.

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão intrudutoria. *In*:TRINVIÑOS, A. N.S; MOLINA NETO V. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**> porto Alegre: Sulina, 1999 p. 95-105

OLIVEIRA, M.T. Práticas Pedagógicas da Educação Física nos tempos e espaços escolares: a corporalidade como termo ausente? *In*: BRACHT, V Ecrisório, R. (orgs). **A educação física no Brasil e na Argentina**: identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003.

OLIVEIRA, M.T. Existe espaço para o ensino da educação física na escola básica?. **Pensar a Prática**. Goiânia, n.2, p.131, Jun/Jul. 1998.

OLIVEIRA, Luciane Paiva. **Uma abordagem sobre a corporalidade no âmbito da educação física escolar**. Monografia de Graduação Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p.12, 1997.

PEDROSO, Jurema M. **As concepções de corporeidade no contexto da sociedade capitalista**. Mnografia de Graduação Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba,p.30, 1994.

PETROSKI, Edio Luiz e FENSTERSEIFER, Haimo Hartmuh. Aproximações do pensamento pedagógico da Educação Física. In: Autores Associados, **Comunicação Movimento e Mídia na Educação Física**, Caderno. Imprensa Universitária. RS. 1993.

PORTO, Tânia Maria Esperon. **A televisão na escola... Afinal, que pedagogia é esta?** Araraquara: JM Editora, 2000.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2ª ed. Ijuí, Coleção Educação Física, 2005.

SBORQUIA, Silvia P. GALLARDO, Jorge S.P. As danças na mídia e as danças na escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.23. n. 2 Jan. 22.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.75, jul./dez. 1995.

SCHESCHOWITSCH, Andréa. **Aulas mistas na educação física escolar: um estudo de caso**. Monografia de Graduação Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

UVINHA, Ricardo R. O corpo - imagem jovem e o fenômeno do consumo. In: DICKEL, D. B., BORELLI, V., FAUSTO NETO, A. Algumas reflexões teóricas sobre a representação do corpo. **Revista Comunicação Movimento e Mídia na Educação Física**. Vol.6, nº7, Jan – Dez 2001.